

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

GENERAL DUVAL — Lições da Guerra de Espanha —
Trad. do Cap. Frederico Trota — Biblioteca Militar —
1941.

O depoimento do General Duval sobre a guerra civil espanhola é, em certa medida, desconcertante. Julga-se, em geral, que na Espanha se desenvolveu uma guerra moderníssima, em que os materiais mais aperfeiçoados do mundo inteiro se degladiavam, em que os ensinamentos novos se atropelavam, ultrapassando ou subvertendo o que ficara assentem com a guerra de 1914-18. Pois bem, o Gen. Duval assegura que, na ordem estratégica e tática, os exércitos que lutaram na Espanha não eram comparáveis às tropas alemãs ou aliadas, da primeira Grande Guerra, nem do ponto de vista do enquadramento, nem da organização, nem da instrução, nem do armamento. Mais adiante precisa melhor as suas observações: "A batalha de 1918 é uma batalha de artilharia tanto quanto de infantaria; eis a profunda e fundamental diferença que a distingue da de 1937, e que impede mesmo qualquer comparação entre as duas. A batalha de 1937 é uma batalha de infantaria, que nos leva para antes de 1914. O canhão desempenha nos campos da Espanha um papel que não difere muito do que representou em 1870, nos campos de batalha da França".

E' também melancolicamente curioso saber que, "como sistema fortificado, o "cinturão de Bilbao" era uma organização um tanto ingenua e que não possuía capacidade séria de resistência".

Muito interessante ainda é a notícia de uma tendência, bastante nítida, nos dois campos, à simplificação e aligeiramento das armas. "A

arma individual do infante, o fuzil, readquiriu na Espanha a importância que perdera durante a grande guerra. Também procura-se melhorá-lo, substituí-lo por um fuzil de tiro automático". Em suma, os "fuzis individuais e granadas de mão são com efeito os engenhos mais normalmente usados".

Mas, uma informação surpreendente, em face da idéia geralmente feita sobre o que se passou na Espanha, é a do emprego pelos governamentais de carros Renault, de modelo antigo, "que fizeram uma muito triste figura". Neste assunto de carros, aliás, as observações do Gen. Duval, ressuscitadas agora, são bastante oportunas. Ele não faz mistério de certos revezes por que passaram os carros. Refere mesmo que "quando se conversa com combatentes espanhóis, a propósito de carros, sorriem significativamente". Queixam-se do expediente costumeiro "que consistia em aproximar-se do carro, sem risco algum, jogar-lhe um pichet de petroleo e lançar-lhe uma granada", ao que o General responde num tom que tanto pode ser de malícia como de complacência: "Evidentemente, mas seria suficiente que alguns infantes amigos marchassem atrás do carro para tornar essa manobra impossível". Alegavam de outro lado os espanhóis, contra os carros, "que eram todos crivados de jiros pelos canhões, ficando como peneiras". E o General replica ainda, porém já como quem está perdendo a paciência: "Mas não é preciso o campo de batalha para o demonstrar. A demonstração tinha sido feita de antemão no polígono. Conhece-se a espessura da blindagem necessária para resistir a tal ou tal projétil atirado em tais e tais condições. Se no campo de batalha um carro e um canhão são colocados nas mesmas condições que no polígono, os mesmos fenomenos se reproduzirão infalivelmente. Mas então não é o carro que é culpado de suas fraquezas; é antes o comando que o engajou em condições em que o fracasso era fatal". Estuda em seguida a doutrina francesa sobre o emprego dos carros, segundo a qual eles devem ser empregados sempre em ligação estreita com a infantaria, e por fim conclue pela impossibilidade de se tirarem, da guerra espanhola, ensinamentos quanto à aviação e engenhos blindados, em razão do emprego defeituoso e circunstancial que lá lhes foi dado. Nisto é também do mesmo parecer o Gen. Weygand, que prefacia o trabalho do Gen. Duval.

A maior deformação no emprego dos carros em campos espanhóis veio, porem, da mingua de artilharia, servindo os carros, muitas vezes,

para supri-la. É um aspecto singular da questão e que não será totalmente destituído de interesse para nós. Na verdade o Gen. Duval considera isso uma regressão, mas seja como for, foi um imperativo. Succederá necessariamente onde se apresentem condições idênticas às que ocorreram na Espanha.

O Gen. Duval, equidistante dos extremistas pró e contra a moto-mecanização, vota que a guerra espanhola não fornece argumento aos campeões destas teorias excessivas. E proclama "a superioridade, ainda em nossa época, da mobilidade sobre a potência, do ataque sobre a defesa", chamando a isto "a desforra do espírito sobre a violência material".

Vê-se como era desfigurada a imagem corrente da guerra civil espanhola. Exagerou-se a sua importância militar, exagerou-se o valor e a extensão das experiências de material lá realizadas, exagerou-se, finalmente, a importância da guerra em si como lição para o futuro. Agora, com o desenvolvimento desta segunda Grande Guerra, veio confirmar-se amplamente tudo isso. E o Gen. Duval teve advertências muito incisivas: "Duas guerras não se parecem jamais, e menos que todas uma guerra civil e uma guerra nacional".

Lembrava que tudo muda desde que mudam os combatentes. Mesmo no tocante a armamento, acha ele que pretender chegar a conclusões definitivas, é expôr-se aos mais graves erros. Nem o engenho é uma constante: depende dos homens que o empregam e das condições em que são empregados.

Pelo meio das páginas do Gen. Duval há umas inocentes observações que, refletidas e examinadas ao tempo em que foram formuladas, teriam evitado muitas surpresas atuais... São às vezes informações assim: "O material de guerra que os russos e franceses forneceram aos governamentais foram bem preciosos; os russos enviaram quadros ainda mais preciosos. A aviação e os carros de combate foram quasi inteiramente russos, material e pessoal". Ou opiniões como esta: "A contribuição do Komintern é mais qualitativa que quantitativa".

E aí estão os singulares acontecimentos da frente oriental.

A edição francesa do livro do Gen. Duval é de 1938. A Biblioteca Militar lançando-o em tradução em fins de 1941 andou, evidentemente, atrasada. Mas providencial atraso que nos faz rever um livro in-

teressante justamente no momento em que podemos constatar que as suas páginas estavam repletas de verdade.

LIVROS DA GUERRA

PHYLLIS MOIR — Eu fui Secretária Particular de Churchill — Ed José Olimpio — 1941.

Há um violento paradoxo nesta era de coletivismo, de padronização dos homens — é que assistimos, concomitantemente, à afirmação de fortes personalidades.

O fenómeno poderia ser dado como apenas aparente. No quadro do baixo nivelamento humano alguns, por força, teriam que aparecer e dominar. Mas sucede que as manifestações de valores individuais são universais. Repontam por toda a parte, sob as mais variadas e impressionantes formas. E é ainda o homem, na sua nobre expressão humana, que prevalece.

Refletiamos nesse curioso aspecto da tragédia contemporânea, tendo em mãos um rápido volume em que Phyllis Moir, uma ex-secretaria de Churchill, transmite impressões do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha em guerra. Em nenhum instante a autora se dá a crítica ou apologia. Seus capítulos são todos feitos de informações pessoais sobre os hábitos, o carater, a atividade de Churchill. Assim, vêmo-lo ao natural, na plenitude dos seus defeitos e qualidades: o egoista, que tem a secretária como um adjunto completamente impessoal, uma máquina que não deve ter necessidades pessoais — seja de alimentação, descanso ou recreio”; o grande comodista que entretanto, às 22 horas de um domingo, em Nova York, saboreando um whiskey, enfiado no seu robe de chambre e chinelos, não sabe, entretanto, recusar-se a acompanhar a filha Diana ao casino do hotel; o apressado que corre sempre e sempre se atrasa, que como 2.º Tenente se faz esperar pelo Príncipe de Gales, mas que, quando quer alguma coisa, mesmo sem importância, não há paz em casa enquanto não a consegue”; o inimigo do pomposo e do solene, que “nos Estados Unidos tinha verdadeiras expansões de menino de colégio para todas as modernas invenções americanas que contribuíram para

tomar a vida mais confortável"; o homem honesto, que não recebe presentes "para não ficar preso por favores, reais ou imaginários", que "no dia em que foi escolhido Chanceler do Exchequer" vendeu todos os títulos da Bolsa que possuía, que "quando Ministro do Ar, tendo um carro da Força Aérea à sua disposição, controlava todas as milhas que gastava no seu serviço particular e pagava a gasolina consumida em tais mistéres".

De mil instantaneos assim, é feito o depoimento de Phyllis Moir. Fica-se atordoado com as suas variadas impressões, mas, é certo, este atordoamento vem da própria personalidade de Churchill — irregular, vibrante, complexa, poderosa. Sem que haja no livro a preocupação biográfica chega-se, todavia, à posse de uma forte imagem daquela vida. "Na sua primeira escola preparatória era punido regularmente e certa feita, num assomo de raiva, deu uns ponta-pés no chapéu do professor fazendo-o em pedaços". "Aos oito anos se tornou diretor e dono de um jornal caracteristicamente intitulado "The Critic", do qual saiu apenas uma edição... Odiava o Latim e o Grego, disciplinas ausentes em Landhurst, de sorte que pôde ser o oitavo em uma turma de cento e cinquenta cadetes, sendo recebido como 2.º Tenente no "4th Hussars". Com pouco misturava as atividades de tenente com as de jornalista... Lutou na Índia e escreveu para o "Daily Telegraph". Fez e narrou a Guerra dos Boers para o "Morning Post". A equitação era o seu esporte preferido. Conta-se que certa feita disputou uma partida de polo com o braço direito na tipóia. Piloto de avião teve vários desastres. Gago, sobretudo quando está excitado, domina o defeito e nunca foi visto gaguejar na tribuna ou no microfone. A guerra não lhe modificou os hábitos. Dorme em algum lugar de Londres, que é segredo do Gabinete, mas às 7,30 da manhã chega em Downing Street n.º 10, desce para o porão reforçado contra ataques aéreos, veste o pijama e volta para a cama. Ingera, então o seu "breakfast", lê os jornais, depois toma da velha pasta e dita a manhã inteira. Às 11,30 vai à reunião do gabinete. Após o almoço dita ainda ou inspeciona. Entra pela noite trabalhando, nunca dorme mais que 7 horas das 24 de cada dia.

Phyllis Moir depõe sobre o assombroso poder de concentração de Mr. Churchill: "Tem a habilidade de dedicar-se inteiramente ao que está fazendo — seja a preparação de um discurso ou uma amistosa partida de gamão — e ficando tão absorto quanto uma criança. No dia em que

Praga foi ocupada pelos nazistas, estava terminando às pressas uma história do povo inglês, de 300 mil palavras. Depois do jantar disse a Randolph: "É difícil desviar a atenção dos acontecimentos de hoje e concentrá-la no reinado de Jaime II — mas tenho que fazer isso. E marchou para seu gabinete, no primeiro andar, e começou a ditar".

Refere ainda Phyllis Moir que Churchill "sente um prazer especial em trabalhar sob pressão", e que "pensamento e ação são nele coisas quasi simultâneas".

É assim o homem que vem conduzindo a Inglaterra nestes dias crúeis. Conhecê-lo de perto, como nos proporciona o límpido e sincero depoimento da sua ex-secretária, é compreender imediatamente os impossíveis operados na Inglaterra desde o desastre francês.

As tradições e a psicologia de um povo explicam a sua resistência moral, a sua capacidade de sofrer e lutar, mas para reorganizar sobre os escombros de Dunquerque, com o poderosíssimo inimigo à vista, um novo exército para empreender a tarefa de suplantar uma Luftwaffe despótica, para desenvolver a produção bélica de uma ilha rondada por cardumes de submarinos e castigada por nuvens de bombardeiros, é preciso ser um homem.

LIVROS RECEBIDOS:

ANIBAL MATOS — **A Raça de Lagoa Santa (Velhos e novos estudos sobre o homem fossil americano)** — Editora Nacional — 1941.

EMIL LUDWIG — **Os Alemães** — Ed. José Olímpio — 1941.

ALEXANDRE MARCONDES FILHO — **Vocações da Unidade** — Ed. José Olímpio — 1941.

PAUL DE KRUIË — **Caçadores de Micróbios** — Ed. José Olímpio — 1941.

CACÍ CORDOVIL — **Ronda de Fogo (contos)** — Ed. José Olímpio — 1941.

TROFEU SAN MARTIN



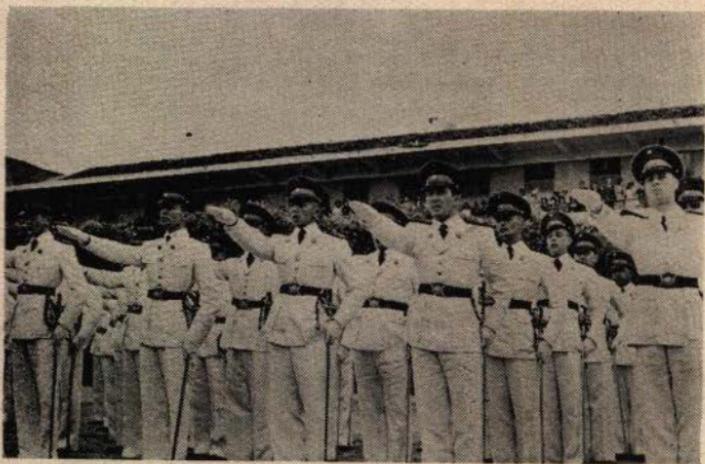
A oficialidade do 13.º R. I., tendo à frente o Cel. Tristão de Alencar Ara-ripe, recebe a equipe vencedora que, na Capital da República, cobriu-se de louros na disputa de tão cubiçado troféu.



SANGUE NOVO



Um aspirante recebendo, de sua madrinha,
a espada.



Os aspirantes da "Turma Guararapes" prestam o solene
compromisso de honra.